



Há tempo para Nostalgia?

por **Michelle Maria Freitas Neto**

Professora da área de Informática do IFF Campus Itaperuna | <http://lattes.cnpq.br/0126165119072441>

Anos 80, 90. “Rééééééé...”. A sirene da escola anunciava o fim do recreio. A criançada subia as escadas numa embolação só. Tia Maria, que tomava conta do corredor, ficava doida: “Devagar, crianças! Cuidado! Vão acabar caindo!”. Era dia de apresentar trabalho lá na frente da sala. O frio na barriga tomava conta da gente. Era um trabalho de Geografia.

Para discutir o tema do transporte de cargas pelas rodovias no Brasil, escolhemos uma cartolina branca. Nela, desenhemos uma estrada cheia de buracos, sinalizados por nós com esparadrapos, curativos adesivos, Merthiolate e gaze. O título do trabalho na cartolina era escrito com hidrocor e letras trabalhadas, feitas com forminhas de plástico. O hidrocor preto era sempre o primeiro a ficar “fraco”. A gente usava muito. Não sei por que não vendiam uma caixinha só com a cor preta...

Se vendiam, eu nunca tive. Enfim, só um pensamento de agora.

Para fazer trabalhos escolares em casa, marcávamos data, hora e local para encontrar o grupo. Era raro alguém ter telefone. A alternativa que tínhamos para a comunicação fora da escola era o orelhão. Se a tecnologia pode ser vista como uma forma de estender o corpo, naquela época os orelhões estendiam nossos ouvidos. Mas triste mesmo era quando a ficha caía antes de conseguirmos concluir o diálogo. Puxa vida! Olhávamos para trás e já tinha gente esperando numa fila gigante. Já era!

Não podíamos usar abreviações de forma indiscriminada. Pq? Se vc escrevesse assim, era sinal de que não estava td bem. Certamente, o professor de Português diria que

estava faltando alguma coisa. E nem adiantava soltar um “aff”, blz? Pois é, você pode até imaginar que o mundo era meio chato. Mas posso garantir que foi uma época, no mínimo, especial.

Na música, vivíamos um verdadeiro tsunami cultural. Não preciso falar muito para você me entender: “Que país é esse?”, “Stop! Com Rolling Stones. Stop! Com Beatles songs.” E o que dizer de “Pode seguir a tua estrela, o teu brinquedo de star”? “Bete Balanço” foi um sucesso, relatando a fama de forma inigualável. Ah, sucesso! Talvez “Bete Balanço” hoje não ganhasse tantos *likes*. A Bete que ganhou as redes sociais do Brasil recente não tem “E”. Na verdade, nem é única. São várias e, de tão famosas, ganharam até CPI. Mas isso é assunto para outra hora e para gente mais especializada debater com vocês.

Ah, mas se você conseguiu ler este texto até aqui, posso contar um pouco mais das minhas recordações. Prometo que serei breve. É que não posso me despedir dessa sessão nos-

tálgica sem comentar sobre os brinquedos dos anos 80/90. Eles merecem um parágrafo à parte.

Naquela época, dava para brincar no celular? Que nada! “Celular” era palavra que remetia às ciências biológicas. Nós brincávamos de vários jogos. Videogame era para poucos lares. Mas jogos de rua, piques dos mais variados nomes (“pique-cola três vezes” era o meu preferido), brinquedos de tabuleiro, ioiôs, bolas, pipas e bonecas eram um sucesso entre as crianças.

Por falar em boneca, não preciso nem me alongar para dizer que elas não se assemelhavam, nem de longe, aos bebês *reborn*. E é a partir deles que chego ao ano de 2025 para partilhar preocupações de um amanhã tão presente.

Se hoje os bebês *reborn* já despertam nos seres humanos atenções, no mínimo, inusitadas, imaginem quando esses brinquedos incluam Inteligência Artificial? Se já existe algum mo- 2

delo com essa tecnologia embutida, desculpem-me pela gafe. Afinal, estamos num mundo contemporâneo, onde tudo é muito rápido. Nossos cérebros humanos não acompanham os avanços tecnológicos a passos tão acelerados.

Mas, partindo do pressuposto de que nem eu nem você conhecemos alguém próximo que tenha um “bebê *reborn* IA”, pela nossa imaginação já podemos prever como esses modelos seriam. Bebês que aprendem a falar, que dialogam conosco, tal como as Inteligências Artificiais Generativas — estilo ChatGPT¹ —, realidades que chegaram às nossas mãos. E detalhe: sabemos que, por meio do Processamento de Linguagem Natural (PLN), área da IA relacionada às linguagens humanas, é bem possível que esses modelos *reborn* sejam configuráveis para a escolha da língua do bebê — se a primeira palavra a ser dita será “dad” ou “papai”, “mom” ou “mamãe”.

A imaginação é o limite. Os objetos — sim, objetos — poderão chorar, dormir, pedir comida. Mais que isso:

aprenderão com seus consumidores (sim, aqui “não é mamãe”, como diria o Baby da Família Dinossauro). Eles são consumidores. Os objetos poderão aprender a desenvolver comportamentos semelhantes aos de seus donos. Afinal, com as técnicas de Machine Learning (aprendizado de máquina), a IA aprende com os dados, com as nossas interações.

A grande questão é o valor que daremos a essas interações com as máquinas. Trago uma lembrança de diálogos realizados entre humanos por intermédio das máquinas na experiência recente da pandemia de COVID-19. Para aqueles que podiam ter celulares nas mãos e acesso à internet, era possível a comunicação, mesmo distantes fisicamente. Claro que isso teve seu lado positivo e trouxe um número grande de possibilidades e aprendizados. Contudo, as desigualdades sociais e digitais foram escancaradas. Ficamos nostálgicos. Queríamos de volta os encontros presenciais:

menos telas, mais abraços.

Agora, vivemos tempos não apenas de comunicação entre humanos mediada pelas máquinas, mas de interações entre humanos e elas. Em que medida tais interações tomarão nosso precioso tempo? Em tempos de IA, as bonecas reborn poderão até se alimentar de comida. Acreditem! Isso não será impossível! Mas não podemos esquecer que o principal alimento desses objetos serão os nossos dados.

Não estou aqui para negar a Inteligência Artificial. Não é essa a reflexão que gostaria de provocar. A Inteligência Artificial é obra da inteligência humana. É ciência. É tecnologia. Num instituto como o nosso, negar essa realidade é uma incoerência. A questão é: para quais propósitos e contextos faremos uso dessa invenção da humanidade?

Num mundo com tantos recursos naturais, mas que ainda há gente que não tem o que comer, dependendo dos rumos que daremos à IA, poderemos escolher alimentar bonecos.

E, pior, eles aprenderão conosco a alimentar objetos. Receio um futuro próximo em que a disputa por comida ganhe ainda maior escala. Melhor pensar sobre isso hoje e, nesse contexto, não há tempo para Nostalgia.

¹ Texto de autoria de Michelle Freitas. O uso de Inteligência Artificial Generativa foi feito com a solução ChatGPT, para apoiar a revisão da língua portuguesa. No entanto, mesmo após o uso da ferramenta da OpenAI, uma nova leitura foi feita pela autora, que inclusive identificou alguns ajustes. Gostaria de frisar a importância da avaliação crítica dos usuários no uso de ferramentas de IA.